

SUJEITOS APRENDENTES E SUAS EXPERIÊNCIAS NOS ESPAÇOS DE UMA REDE ASSOCIACIONISTA: da Digitalização à Vida

Everaldo Fernandes da Silva
Núcleo de Formação Docente – CAA/UFPE
everaldofernandes.silva@gmail.com
Jaqueline Barbosa da Silva
Núcleo de Formação Docente – CAA/UFPE
Jaqueline.barbosa@yahoo.com.br

Sistematización de procesos de investigación – acción y/o de intervención social
GT 06 – Imaginários Sociais, memórias e pós-colonialidade.

RESUMO

O presente trabalho enseja evidenciar os desdobramentos de uma ação extensionista interinstitucional realizada no bairro artesão de Caruaru, a saber, o Alto do Moura. A Associação de Bairro dos Moradores e Artesãos do Alto do Moura (ABMAM) tomando para si as tarefas reivindicativas e formativas efetivou uma parceria com duas Instituições de Ensino Superior do agreste pernambucano com vistas, especificamente, à alfabetização digital. Os Estudos Pós-coloniais e a Teoria da Complexidade serviram-nos como aportes teóricos para focar as leituras de culturas e sujeitos subalternizados (Escobar, 2003; Mignolo, 2007; Maldonado-Torres, 2007). Sob estas vertentes, aproximamo-nos das realidades aprendentes dos jovens do Alto do Moura, relacionando o uso técnico das ferramentas digitais às suas histórias de vida.

Palavras-Chave: Rede Associacionista. Sujeitos Aprendentes. Colonialidade/Decolonialidade.

Introdução

O fascínio e a força do encantamento das tecnologias da informação e da comunicação sobre as várias gerações da contemporaneidade mostram-se vigentes, patentes e garantidores de credibilidade nos diversos espaços sociais. Essas novas tecnologias incidem numa aparente fusão entre o signo e as coisas, o objeto e os significados atribuídos pelos sujeitos.

Basta olhar o cotidiano e os movimentos individuais, intersubjetivos e comunitários ao nosso redor para aferirmos a prevalência das novas tecnologias organizando, de diferentes modos, a existência imaginária, material e afetiva das múltiplas relações socioculturais. Estas influências e interinfluências tecem, praticamente, uma *antropologia do ciberespaço* (PIERRE LÉVY, 1998), isto é, pessoas que se autocompreendem identitariamente a partir das suas relações mediadas pelas microtecnologias da informação.

No Alto do Moura¹, onde o trânsito das relações sociais dá-se, em sua rotina, transversalizado por turistas, estudantes, artesãos/ãs, atravessadores e operários do vizinho distrito industrial de Caruaru-PE, além dos agricultores ao seu derredor, as novas tecnologias são evocadas como necessárias, imprescindíveis, tanto pelas pressões da comercialização das peças de barro, quanto pela

¹ Bairro de Caruaru-PE, Brasil, caracterizado pelo seu artesanato em barro e pela presença de grupos de arte popular através das danças e das cantigas tradicionais do universo rural. Uma melhor descrição e caracterização dessa população urbano-rural veremos mais adiante.

força do imaginário social configurado pela intensidade e rapidez das informações e pelo fascínio das imagens.

As novas gerações, de modo particular, sentem-se nesta roda vida dos imperativos imagéticos, comunicacionais e facilitadores que a *internet* possibilita através dos diferentes meios de comunicação (mídia digital, mídia impressa, acervos imagético, auditivo e visual), permitindo outros formatos relacionais, outros modos de comercialização do artesanato local e, sobremaneira, construindo novas identidades de crianças e adolescentes à medida que revisitam suas histórias de vida, dando-lhes outras interpretações de alcance afetivo, familiar e sociocultural.

Numa recente experiência extensionista, realizada pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Caruaru (FAFICA) em parceria com a ABMAM (Associação do Barro e Moradores do Alto do Moura), entre os anos de 2012-2013, a alfabetização digital para crianças e adolescentes foi a ação selecionada coletivamente para a materialização desta presença e intervenção educativas promovidas pelas instituições envolvidas.

O projeto extensionista Educação do Campo, Agroecologia e Agricultura Familiar: núcleo de integração de saberes, vinculado ao Núcleo de Pesquisa, Extensão e Formação em Educação do Campo (Nupefec), representou essa fonte de diálogo entre a Universidade e a comunidade, buscando “[...] promover a relação transformadora e integradora entre a Universidade e a Sociedade” (Resolução 9, Art. 1, 2007, p. 01).

As ações vinculadas ao projeto extensionista em pauta têm diferentes acentos na relação socioeducativa, desencadeando um conjunto de tarefas na relação com as diferentes redes de formação escolar e não escolar, são elas: “[...] planejar, coordenar, divulgar, mobilizar e gerir recursos, realizar, prestar contas e apresentar relatório às instâncias universitárias pertinentes ao seu Centro e/ou Órgão Suplementar de vinculação” (Idem, p. 04).

Nessa direção, a ação **Utilização de Redes Digitais para Aprendizagens Interativas** buscou dialogar entre os saberes tradicionais identificados nos relatos de vida e a experiência dos moradores da comunidade diante do acervo de informações que aproximam os saberes mobilizados pelas instituições de ensino superior e os do espaço comunitário. Ambos são formadores e propiciadores de construção do conhecimento dos seus pares na região do agreste pernambucano.

Esta primeira fase da atividade extensionista teve duração de um ano, acontecendo nas instalações da ABMAM, com a participação de crianças e adolescentes fazendo incursão aprendente digital nos poucos computadores que a própria Associação disponibilizou em favor da comunidade local. Esta ação educativa contou com a participação de um monitor da Fafica e de dois bolsistas da UFPE mediante os cuidados com a manutenção e a utilização das máquinas, o ensino-e-aprendizagem dos programas instalados e as habilidades do uso da internet para fins comerciais e socioeducativos. Acrescentam-se a esses cuidados didático-pedagógicos, os olhares atentos da coordenação exercida pelos docentes indicados por cada Instituição de Ensino.

O quantitativo de crianças e adolescentes no início desta atividade extensionista formou uma turma de 12 participantes, dado o número reduzido de computadores, bem como as dificuldades concretas entre os ajustes dos horários das aulas ministradas e as disponibilidades de tempo dos sujeitos artesãos/ãs pretendentes. Esta experiência resultou em quatro participantes que levou até o término a formação promovida e vivenciada.

Não obstante o reduzido número da turma concluinte, esta adquire destaque em relação ao formato da participação, tecendo íntima relação entre as novas aprendizagens com as necessidades da *produção da vida* (MIGNOLO, 2008) em termos materiais e simbólicos, tendo proeminência a retomada das histórias de vida, revistas a partir de um *movimento recursivo* (MORIN, 2007) em que os respectivos sujeitos aprendentes substituem a leitura das condições de vida de subalternizados por posturas autoafirmativas em relação à história local e à identidade artesã.

O presente texto intenciona refletir estas experiências aprendentes em seus múltiplos aspectos: 1) verificar os movimentos e atitudes recursivas que os sujeitos aprendentes desenvolveram durante e subsequente à vivência extensionista; 2) despertar a atenção acerca dos impactos e desdobramentos das atividades extensionistas para as próprias instituições formadoras que as têm como fazendo parte do tripé do ensino superior; 3) mostrar o papel socioeducativo das Associações de Bairro e/ou de categorias socioculturais na formação dos seus membros e da comunidade em geral. Portanto, os alcances que estas iniciativas socioeducativas produzem para a própria rede associacionista em termos autoidentitários e das contribuições formativas nos espaços educacionais não escolares.

Para este percurso e proposição de trabalho escolhidos, elegemos epistemologicamente os Estudos Pós-Coloniais e a Teoria da Complexidade como alavancas teóricas que darão suportes compreensivos para os fenômenos socioculturais que envolvem as várias formas de colonização e de discursividades subalternizadoras. Estas reproduzem sistemas materiais e simbólicos de dependências, de embotamentos do ser, do fazer, do poder e do saber das pessoas e das relações assujeitadas à lógica pretensiosamente universal, eurocêntrica e hegemônica. A Teoria da Complexidade dá sua contribuição enquanto possibilita leituras conjuntivas (das simultaneidades), tampouco menos críticas, das relações micro e macrosociais, ao mesmo tempo, que permite uma metodologia das reversibilidades em que os movimentos são indeterminados, recursivos e em saltos, isto é, aleatórios.

No discorrer do presente trabalho, veremos uma explicitação dessas bases teóricas, quando egermos as categorias teóricas atinentes às questões em discussão, com vistas à compreensão dos objetivos anteriormente anunciados. Juntamente aos esboços de natureza teórica, explicitaremos a fundamentação e as características das redes associacionistas que configuram as identidades e práticas organizativas populares e/ou das categorias sociais situadas à margem dos poderes estabelecidos.

Por fim, discutiremos os processos aprendentes desenvolvidos pelos sujeitos artesãos/ãs, suas mobilidades recursivas e os impactos das práticas extensionistas tanto para as Instituições de Ensino como para as redes associacionistas.

Fundamentos, características e práticas das redes associacionistas

O movimento de ampliação de espaços educativos tem se construído num processo que culmina na construção coletiva do conhecimento e na multiplicidade de interações que envolvem dinâmicas não lineares.

No caso das redes associacionistas, a defesa de transformação progressiva dos sujeitos é orientada por suas experiências de vida, bem como pelas demandas e exigências instaladas na diversidade do mundo globalizante, suscitando, entre outras: a superação da política da competitividade, representada pela progressiva mercadorização da política educacional e da conseqüente privatização dos serviços da educação; recorrência às histórias de vida e aos saberes dos sujeitos que se encontram nos setores populares.

As tensões entre as racionalidades instrumentais, os valores democráticos e de solidariedade demarcam a existência dessa rede, colocando em jogo dois pólos diametralmente opostos: de um lado, um mundo bem estabelecido e formalmente institucionalizado das organizações do Poder Central e, de outro, as associações encarnando relações de confiança recíproca, partilhando experiências que são gestadas no convívio do cotidiano e a partir das bases sociais, isto é, dos sujeitos invisibilizados.

Diante dessas interfaces, as redes associacionistas representadas nesse estudo pela ABMAM, potencializam a dimensão da gestão do bem público no âmbito local. A presença das Instituições de Ensino Superior nos espaços associacionistas secundariza o confronto entre os saberes acadêmicos e as experiências dos sujeitos aprendentes, imprimindo a relação de proximidade, participação e organização populares.

Segundo Nakano (2003) as redes associacionistas constituem-se como um lugar de experiência em que diferentes atores se cruzam, trazendo tempos, temáticas, modos de ser e de agir diversos.

Enquanto local de aprendizagem e solidariedade, essas redes potencializam a vida democrática, atribuindo sentido e significado às relações não-mercantis na articulação coletiva, haja vista a soberania popular e os direitos sociais humanos (FREITAS, 2005; GOHN, 2008).

Nessa direção, as redes associacionistas desconsideram o discurso de apelo da excelência escolar como valor supremo sem deixar de reconhecer que a escola é uma instituição social e histórica legitimada oficialmente pela sociedade por se responsabilizar pelo processo de escolarização dos sujeitos, socializando o saber sistematizado e o conhecimento herdado e elaborado.

Nessas coalizões, imersas no tradicionalismo das instituições escolares, se ergueram as redes associacionistas, buscando aliar a função da escola às experiências coletivas e à cultura viva de uma comunidade humana.

Assim, as redes associacionistas não introduzem um *novo* espaço educativo. Consideramos que elas destacam-se, de um lado, pela proposta de superação, a fragmentação do saber e, de outro, a incorporação dos sujeitos que se caracterizam pelas suas diferenças, independentes do vínculo que mantenham com o espaço escolar, possibilitando a consolidação de estratégias sociopolíticas que anunciem uma cultura política de interrelação entre o capital social e sociedade civil. Uma pergunta sugestiva é-nos: o que sabemos efetivamente desse espaço educativo? O que esconde e o que revela a localidade do Alto do Moura e a ABMAM, nesse trabalho representando um dos exemplos de redes associacionistas?

O Alto do Moura é um bairro de Caruaru, distando em média 7Km do centro da cidade. É um bairro com uma população de 2.400 (dois mil e quatrocentos) habitantes, sendo sua maior parte constituída de ceramistas, que participam das várias fases da feitura das peças artísticas em barro: a coleta, o amaciamento, a modelagem criativa ou reprodutiva, o acabamento, a queima, a pintura, as embalagens e a entrega final dos produtos.

Este bairro tem-se caracterizado pela sua história, que remonta às contribuições artístico-culturais e às figuras icônicas da arte popular em barro no Nordeste, tais como: Mestres Vitalino e Galdino, Zé Cabloco, Manuel Eudócio, herdeiros das linhagens de Ernestrina (1919), da louceira Josefa Maria da Conceição (1900) e outras.

O seu posicionamento geográfico é-lhe também contribuinte, pois, sua “localidade, próxima do rio Ipojuca, rico no barro usado na modelagem de peças utilitárias que as mulheres faziam em meio às tarefas domésticas, também é farta no barro massapé” (WALDECK, 2008, p. 9). Tal diferencial geográfico e geológico persiste até hoje. Deste espaço, inicialmente, surgiram peças utilitárias, fabricadas marcadamente pelas mulheres e, mais tarde, com a presença manufaturada do plástico e do flandre, quando as louças utilitárias perdem mercado e surgem artes figurativas.

Há indícios de que o contato com o urbano, através da feira livre de Caruaru, juntamente com a inserção do plástico e a influência dos cordelistas que traduziam o imaginário nordestino, tudo isto foi gestando, especialmente em Vitalino, os ensaios precursores de figuras humanas isoladas, também de grupos (os retirantes), cujas peças em barro reuniam pessoas e animais.

Neste cenário, encontram-se instalados o Museu de Vitalino, o Memorial de Galdino e as casas/oficinas que funcionam simultaneamente como espaço residencial e laboral dos/as artesãos/ãs, como ateliês, contendo estantes de exposição permanente das peças produzidas, postas à venda e à admiração dos turistas.

A ABMAM, que funciona desde a década oitenta, faz parte do cenário do Alto do Moura. Ela defende os interesses do segmento artesanal em barro e luta pela melhoria de qualidade de vida das populações em termos de infraestrutura, de segurança, de educação, de saneamento básico; da ordenação do segmento gastronômico e do complexo imobiliário, que se estendem de modo rápido e volumoso. A sua conquista mais recente foi o forno elétrico que tem se mostrado insuficiente e

subutilizado por motivos estruturais, condições de funcionamento e ainda culturais por parte dos próprios/as artesãos/ãs.

Esse cenário artesanal tem assumido proporções simbólicas consideráveis ao longo da sua história, à medida que a sua movimentação cultural e sua divulgação midiática expandem-se. Nos últimos cinco anos, várias expressões da cultura popular, tais como o reisado, o pastoril infantil e a mazurca² têm sido reativadas em suas reedições que, após intervalos, já somam mais de cem anos de existência, cada uma delas.

Juntam-se a isto a assunção do Alto do Moura à categoria de Ponto de Cultura, Projeto do Ministério da Cultura que concedeu um repasse de proventos federais para a preservação e a divulgação da cultura popular em parceria com a ABMAM. Recentemente, em 2010, este bairro também conquistou a instalação de um cinema como parte do Projeto Cine mais Cultura, com uma programação gratuita, pelo Ministério da Cultura em parceria com a Associação Local.

Além das especificidades histórico-culturais deste lugar, merece relevo o desenho dos laços sociais que caracterizam as dinâmicas cotidianas deste determinado grupo humano. A interpessoalidade é uma das características dos relacionamentos sociais desenvolvidos neste bairro artesão. Ela se manifesta em dois sentidos: a ligação consanguínea e a de consideração, pois, tanto se casam, com muita frequência entre familiares; como uma significativa parte dos residentes não conhecem-se pelo nome e mais pelos apelidos, sugerindo, deste modo, proximidade das relações e intimidade nos tratos mútuos. Tais desenhos relacionais denotam características rurais e/ou urbanas de portes citadinos pequenos e médios. Com isto, o controle social das individualidades e das famílias ainda se dá com forte teor moralista de natureza religiosa e socialmente conservadora.

Nos últimos anos, este bairro tem crescido em termos populacionais, agrupando pessoas de diferentes origens, desta e de outras regiões do país, em busca de trabalho, especialmente, por avizinhar-se de um dos pólos industriais de Caruaru. Também o mercado imobiliário tem se expandido com projetos de edifícios e condomínios. O seu último vizinho mais famoso é o Instituto Federal de Pernambuco (IFPE), recentemente inaugurado, próximo à entrada principal deste centro ceramista. Nestes moldes sociais e desenhos de urbanização, a cultura local tende a ser crescentemente híbrida, provocando questões acerca da identidade ceramista, suas tradições e invenções, suas continuidades e descontinuidades, limites e possibilidades que este cenário vai impondo à medida que se amplia populacionalmente e complexifica-se em termos de identidade sociocultural e de produção artesanal.

Em síntese, o Alto do Moura revela sua pujança relativa à cultura popular, tanto na criatividade ceramista, como nas expressões das danças e festas tradicionais nordestinas e populares. Ao mesmo tempo, que se esconde por dentro deste bairro caruaruense a ausência das políticas públicas e a resistência das tradições culturais e religiosas pouco evidenciadas, tais como: as benzedeiras, os contadores de história e os cantadores dos “adjuntos”, isto é, dos mutirões populares para construções dos casebres ou para as limpas do mato em décadas atrás.

Neste cenário e contexto, estão presentes sujeitos artesãos/ãs, crianças e adolescentes, que aspiram um futuro promissor do ponto de vista profissional e do reconhecimento social enquanto produtores da beleza, na modelagem estética do barro, manifestando tanto o cotidiano nordestino como as irrupções diuturnas das sociedades e culturas contemporâneas.

Em se tratando, particularmente, dos quatro sujeitos concluintes deste Projeto de Extensão em pauta, temos: três do sexo feminino com idade de 12 anos e em processo de escolarização, ocupando

² O reisado é uma manifestação cultural-religiosa que retrata a visita dos reis magos ao menino Jesus na gruta de Belém e que acontece em janeiro de cada ano, envolvendo jovens, crianças e adultos; o pastoril infantil, herança do catolicismo lusitano, tem expressiva participação das crianças, distintas pelos cordões azul e vermelho e pela contra-mestra. Apresenta-se durante as festas natalinas; a mazurca é uma dança circular, com ritmo das rodas de coco e animada por um cantador. Traz marcas da tradição indígena durante os festejos juninos.

assento na Educação Básica, 6º ano do Ensino Fundamental³. Quanto ao participante masculino registra a faixa etária de 30 anos, tendo abandonado o ensino médio para ingressar no mercado de trabalho, conforme nos apresenta a tabela 1 a seguir.

Tabela 1 – Caracterização dos participantes

SEXO	IDADE	ETAPA DE ENSINO
1. Marliete	12 anos	6º ano do ensino fundamental
2. Vitalino	30 anos	Ensino médio incompleto
3. Socorro	12 anos	6º ano do ensino fundamental
4. Nissinha	12 anos	6º ano do ensino fundamental

Fonte: Dados disponibilizados pela secretaria da ABMAM.

Como se pode depreender, o grupo caracteriza-se pelas diferenças de idade e de anos de ensino, sendo o Alto do Moura um espaço de vínculo geográfico e afetivo e a ABMAM o *locus* que possibilita a aproximação entre as instituições externas e os sujeitos residentes.

Do ponto de vista metodológico, nessa investigação, no primeiro ano de trabalho (2012-2013), utilizamos dois instrumentos para coleta dos dados: a observação participante aliou-se às narrativas das histórias de vida dos sujeitos, as quais foram suscitadas pelas reflexões advindas dos contos que articulavam os dilemas da vida com os princípios da formação humana.

As reflexões emergidas por Clarice Lispector (1991)⁴ nos contos Felicidade Clandestina e Restos de Carnaval permitiram demonstrar que as histórias de vida constroem-se nas experiências dos sujeitos face ao mundo.

Do ponto de vista epistemológico, a abordagem biográfica foi utilizada enquanto enfoque indissociável ao dispositivo escolhido para realizar a construção e a compreensão das experiências vivenciadas pelos sujeitos participantes da ação extensionista, evidenciando o processo reflexivo numa ação que ressignifica os itinerários formativos numa ação que transforma a vida sócio-culturalmente planejada (JOSSO, 2004).

O resultado advindo do entrecruzamento desses instrumentos orientou a sistematização das histórias de vida dos sujeitos, anunciando elementos que revelam a origem tanto das raízes de pertencimento dos mesmos à comunidade, bem como das forças propulsoras de superação, à medida que revisitaram suas trajetórias como *uma obra inédita a construir*.

O processo aprendente desenvolvido pelos sujeitos: mobilidades de superação dos sujeitos e os impactos nas identidades das redes associacionistas

Estes estudantes, marcados pelos olhares de submissão, de envergonhamento de serem artesãos/ãs e empobrecidos, conseguem alavancar novas forças identitárias e outras leituras de mundo quando redescobrem-se em processo de reapropriação das produções da vida.

³ Para preservar a identidade dos participantes, atribuímos pseudônimos relacionados aos nomes dos/as artesãos/ãs que representam a história do Alto do Moura sob diferentes faces.

⁴ A escolha de contos de autoria da escritora se deu pela linguagem narrativa de sensações e memórias que se aproximam tanto da linguagem poética, como trata de temas que envolvem a família, a adolescência, a infância, entre outros.

As lentes das várias formas de colonialidades, exercidas secularmente sobre as maiorias populacionais não-européias, contribuem para melhor interpretar os modos sociohistóricos de assujeitamentos de pessoas, comunidades e países.

As colonizações assumiram, historicamente, feições diversas sob os formatos de demarcar superioridades nos espaço-tempos de poder, de pensar, de ser, de sentir e de saber. Os mecanismos desenvolvidos pelos conquistadores adquiriram ares de naturalidade, a tal ponto que “[...] el conquistado termina considerando al pensamiento impuesto como próprio, y la obstrucción a su libertad com parte del camino que le llevará al mejoramiento de su vida” (ELÍZAGA, 2012, p.134).

As colonialidades do poder substanciam-se nas relações multifacetadas entre metrópole/centro e colônia/periferia, significando, a primeira, a centralidade das decisões e o ordenamento dos sistemas. Às colônias recai apenas a tarefa de acatar e de reproduzir com “naturalidade” os signos do progresso crescente, linear e irreversível. Juntam-se a estas malhas de dominação, os processos de internalização nos “colonos” do não-pensar diferentemente da lógica matemática da ciência moderna que desclassifica os demais saberes e deslegitima conhecimentos outros (MIGNOLO, 2008).

Este mosaico negador das forças originárias dos povos não-europeus atinge o âmago dos assujeitados, comprometendo-lhes as identidades de ser e de estar no mundo, mediante as expressões de autonegação das potencialidades presentes nos sujeitos sociais, nas formações culturais e nas organizações sociopolíticas.

[...] Eu achava que não podia nada na vida. Eu era só uma menina pobre e sem esperança de ser gente. Encontrei a oportunidade de conhecer a internet e vi que o mundo era maior. Este curso me ajudou muito. Obrigado a Associação e o Alto do Moura (Socorro).

Deste modo, os signos da racionalidade e da racialidade tomaram formas materiais e simbólicas definindo os espaços sociais, as relações de gênero, os critérios de saberes e competências, as prerrogativas da propriedade privada, as engenharias do livre comércio e as justificativas das desigualdades socioculturais, políticas e econômicas. Em sendo assim, concluímos que “[...] modernidad y colonialidad son dimensiones interrelacionales de una misma realidad” (NAVARRETE, 2012, p. 58).

Não obstante, este conjunto de incursões violentadoras dos povos latinoamericanos, as mobilidades insurgentes e recursivas não faltaram ao longo das historiografias dos povos ameríndios, andinos e africanos. Mesmo com os mecanismos de silenciamento e de ocultamento das forças coletivas dos povos originários, os movimentos indígenas, afrodescendentes, africanos e feministas preenchem fartamente as narrativas das resistências político-culturais pronunciadas a partir daqueles/as que foram negados/as historicamente sob múltiplas formas e estratégias.

Mesmo criança eu já imaginava como seria morar longe daqui. Eu sonhava em conhecer outros lugares, morar em uma cidade grande. Eu queria ter uma independência, uma liberdade, e eu só teria isso se eu sáisse daqui, resolvi ir para São Paulo. Então, houve uma oportunidade de conhecer o Alto do Moura e um mês após eu ter conhecido eu vim de morada e hoje já faz quatro anos que eu moro aqui e acho que estou feliz, construí minha casa e acho que encontrei meu lugar (Vitalino)⁵.

No Alto do Moura, estas forças resistentes também tracejaram marcas e fizeram histórias através de figuras emblemáticas como Mestre Vitalino, Galdino, Ernestina e Valdivina e das iniciativas comunitárias na manutenção das tradições populares que a modernidade/colonialidade não pode eximi-

⁵ Neste relato, o participante remete-se a sua cidade natal, Olho d'Água das Flores, localizada no Alto Sertão do Estado de Alagoas.

las. Há, portanto, vestígios manifestativos do olhar com os próprios olhos, a partir das necessidades materiais dos/as artesãos/ãs, também simbólicas na preservação das identidades nativas, mediante *adaptabilidades criativas* (BERGER E LUCKMANN, 2004).

Como sendo de um reservatório histórico de sentidos, acumulado pelas gerações sucessivas e permeado de continuidades/descontinuidades, de autoafirmações e de contradições, os sujeitos artesãos/ãs reinventam seu amor a terra, aos saberes, aos odores e sabores do convívio urbano-rural, redescobrimo diuturnamente novos significados e ferramentas políticas.

Os São Joões de antigamente não tinha tanta violência como os de hoje em dia. Antes as pessoas brincavam nas ruas, eles ligavam os sons de suas casas com músicas de São João as pessoas dançavam com alegria, fazem fogueiras em frente as suas casas assavam milhos com suas famílias e passavam o São João feliz sem brigas. Mas, já os de hoje em dia tem muitas violências as pessoas só brigam (Marliete).

As crianças daquela comunidade era muito diferente das crianças de hoje. Pois, elas não tinha essa cobrança que as crianças de hoje tem com os pais. No meu tempo era as próprias crianças que faziam seus brinquedos e a gente se contentava com aquilo porque todas crianças de lá era igual uma das outras (Vitalino).

Diante da reconfiguração das estratégias de formação e aprendizagem educativa, os sujeitos se vêm entre o saudosismo de um passado recém vivido e a mutação social que acarreta no surgimento de um novo território, onde a insegurança paira, exigindo-lhes a busca do reencontro e da partilha, adquirindo destaques as dimensões da educação não escolar, as quais são advindas das aprendizagens geradas na experiência cotidiana.

Nesta dinâmica, as tensões de poder têm gerado posições e *pensamentos de fronteira* (MIGNOLO, 2008), isto é, embates nas compreensibilidades das leituras de mundo, dos espaços políticos e das epistemologias dos saberes populares auto-organizativos. Estas tensões têm produzido, em muitas regiões do mundo, uma *opção decolonial*, ou seja, a resolução dos assujeitados em pensar, sentir e intervir a partir da exterioridade da modernidade/colonialidade, numa atitude crítica, a caminho de distanciamentos dos olhares e sensibilidades viciados pelas colonialidades.

Eu só via gente chegar e mandar aqui, enganando a gente com promessas e mais promessas. Agora, não, a gente descobriu que tem força, que o Alto do Moura tem um nome, Aliás é quem dar nome a Caruaru. Nós, do artesanato, precisamos cada vez mais tomar a dianteira da nossa arte e lutar pelos nosso direitos (Nissinha).

Nestas memórias, foram-nos úteis as tensões geradas entre a ação extensionista conduzida pelas redes de Ensino Superior e o espaço da educação não formal, atribuindo novos sentidos identitários para todos os agentes sociais envolvidos nessa vivência socioeducativa.

A atuação das instituições de ensino superior, ao potencializar a aprendizagem das aulas de informática, convidou os participantes a se reportarem às suas histórias de vida, articulando os dilemas da existência com os princípios da formação humana, quando e onde a técnica proporcionou o exercício da prática de leitura e escrita presentes na instituição formal.

O registro das histórias de vida de cada um dos sujeitos envolvidos permitiu compreender, na dinâmica dialógica do processo formativo, os conhecimentos e as aprendizagens que inter-relacionam intencionalmente a vida e a construção de saberes. Ademais, estes registros mobilizaram a ação investigativa, acrescentando aos encontros outros escritos, seja da escritora supracitada, seja na utilização dos folhetos de cordel.

A dinâmica autocriativa dos acontecimentos e o diferencial das experiências orientaram a sistematização da rememoração, emergindo registros biográficos e questionadores sobre o espaço e o *continuum* de suas existências.

As redes associacionistas põem em prática um espaço que acolhe o diverso sem violentar a identidade dos sujeitos que permitem introduzir-se nessa vivência, organizando situações próprias de aprendizagens, ou ainda, acolhendo as Instituições que se aproximam desses espaços buscando fortalecer o empoderamento dos sujeitos sociais envolvidos.

Ergue-se assim um dos desafios postos na relação Universidade-Comunidade, apontado por Escobar (2004) como a “reconversão das humanidades” (p. 642) em que os produtores de conhecimento não-acadêmicos, saberes outros, mostram-se ser protagonistas.

Em suma, a esteira dos discursos e práticas da modernidade/colonialidade produziu subserviência, empobrecimento e negação das populações não-europeias em diferentes espelhos e materialidades e, simultaneamente, possibilitou redes societárias, étnico-raciais, geopolíticas e do conhecimento mediante espectros autocriativos, fronteiriços e saltitantes para além dos marcadores deterministas, absolutos e universais da lógica unilinear dos progressos ocidentais.

Breves considerações

O intercâmbio entre a ABMAM e as Instituições envolvidas contribuiu para o fortalecimento da democracia local, gerando no coletivo das redes o sentido de pertença. As Instituições de Ensino Superior envolvidas valorizam a memória coletiva do grupo, proporcionando a reflexão crítica e a explicitação da autoestima dos sujeitos. Quanto à ABMAM, percebemos que ela proporcionou aos sujeitos a materialização de um vínculo social, evidenciando a reciprocidade de aprendizagens, alcançando positivamente a qualidade da ação ofertada. Outrossim, materializando outras formas práticas de se constituir uma Associação com fins reivindicatórios e socioeducativos simultaneamente.

Deste modo, as narrativas autobiografias, socializadas nas rodas de conversa, permitiram o constante questionamento e a rememoração das diferentes histórias e modos de pensar e interpretar o mundo social com a presença dos sujeitos nesse espaço de aprendizagem com a participação das Instituições.

Os depoimentos disponibilizados pelos participantes revelam a multiplicidade de sentido da ABMAM, seja explicitando os desafios em relação ao processo de conscientização diante das mudanças advindas do contexto social, seja demarcando desafios para a educação escolar, sinalizando uma lógica diferenciada para a socialização e sistematização do saber. A autonomia dos sujeitos é evidenciada na vivência cotidiana, experienciando situações desafiadoras e modos próprios de superação.

Por fim, a participação dos sujeitos na ABMAM produziu efeitos sobre os indivíduos e as Instituições envolvidas, permitindo, de um lado, que os cidadãos rememorassem diferentes momentos dos seus trajetos de vida, explicitassem gratidão e, ao mesmo tempo, anunciassem a necessidade de fortalecimento social diante da violência e da mercadorização da vida, aprisionando o direito dos sujeitos usufruírem sua infância sem medo e com mais clareza crítica perante as exigências do mundo do consumo. Ao mesmo tempo em que estes aprendem na lida do cotidiano os exercícios de enfrentamento perante a globalização e os abusos do poder.

Referências

BERGER, Peter e LUKHMANN, Thomas. **Modernidade, Pluralismo e Crise de Sentido**. Trad. de Edgar Orth. Petrópolis: Vozes, 2004.

- BRASIL. **Resolução nº 09**/Conselho Coordenador de Ensino, Pesquisa e Extensão, Recife/PE, 04 de julho de 2007.
- ELÍZAGA, Raquel Sosa. Pensar con Cabeza Propia. Educación y Pensamiento Crítico em América Latina. In: MARTINS, Paulo Henrique e RODRIGUES, Cibele (Orgs.). **Fronteiras Abertas da América Latina – ALAS (ASSOCIAÇÃO LATINO-AMERICANA DE SOCIOLOGIA)**, Recife: Ed. Universitária (UFPE), 2012, p. 131 – 148.
- ESCOBAR, Arturo. Actores, redes e novos produtores de conhecimentos: os movimentos sociais e a transição paradigmática nas ciências. In.: SANTOS, Boaventura de Souza (Org.). **Conhecimento Prudente para uma Vida Decente: um discurso sobre as ciências revisitado**, SP: Cortez, 2004. p. 639-666.
- FREITAS, Alexandre Simão de. **Fundamentos para uma sociologia crítica da formação humana: um estudo sobre o papel das redes associacionistas**. 395f. Tese (Doutorado em Sociologia), Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2005.
- GOHN, Maria da Glória. **O protagonismo da sociedade civil: Movimentos sociais, ONGs e redes solidárias**. 2ª ed., São Paulo: Cortez, 2008.
- JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de Vida e Formação**, São Paulo: Cortez, 2004.
- LÉVY, Pierre, **A Inteligência Coletiva – por uma antropologia do ciberespaço**. Trad. de Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Loyola, 1998.
- LISPECTOR, Clarice. **Felicidade Clandestina**. 7ª ed., Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991.
- MIGNOLO, Walter. **Desobediência Epistêmica: a Opção Descolonial e o Significado de Identidade em Política**. Cadernos de Letras da UFF- Dossiê Literatura, Língua e Identidade, nº 34, (2008), p. 287 – 324.
- MORIN, Edgar. **Ciência com Consciência**. Trad. de Maria D. Alexandre e Maria Alice Sampaio Dória. 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- NAKANO, Marilena. Democracia associacionista e empresas solidárias. **IX CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA**, UNICAMP - Campinas/SP, 2003.
- NAVARRETE, Julio Mejia. Colonialidad y Des/Colonialidad em América Latina. Elementos Teóricos. In: MARTINS, Paulo Henrique e RODRIGUES, Cibele (Orgs.) **Fronteiras Abertas da América Latina – ALAS (ASSOCIAÇÃO LATINO-AMERICANA DE SOCIOLOGIA)**, Recife: Ed. Universitária (UFPE), 2012, p. 57 – 82.
- WALDECK. Guacira (Org.). **Família de Zé Cabloco**. Rio de Janeiro: IPHAN, CNFCP, 2008.